

TRADUÇÃO DE CÍCERO, *FIN. I*, 17-26. A CRÍTICA PRELIMINAR DO
PENSAMENTO DE EPICURO NO *DE FINIBUS*Sidney Calheiros de Lima
Universidade de São Paulo

Resumo

O primeiro diálogo do *De finibus*, que corresponde aos livros I e II do tratado, tem como objeto principal o pensamento moral de Epicuro. A passagem inicial do diálogo contém uma crítica preliminar a toda filosofia de Epicuro. A crítica, empreendida pela personagem Cícero, dá ensejo ao tratamento da teoria do prazer. Provocado pela crítica preliminar, Torquato expõe a teoria do prazer de Epicuro no primeiro livro. Seu discurso é depois refutado por Cícero no segundo livro. Apresentamos aqui uma tradução em português da crítica preliminar (*Fin. I*, 17-26), que vem acompanhada de uma breve introdução e de notas explicativas.

Palavras-chave: Cícero; Epicuro; Filosofia; Filosofia helenística; Literatura latina

Abstract

The main subject of the first dialogue of Cicero's *De finibus*, which corresponds to books I and II of the treatise, is Epicurus' moral thought. The opening passage of the dialogue contains a preliminary critique of Epicurus' philosophy, which, undertaken by the character Cicero, gives rise to the treatment of the theory of pleasure. Provoked by the preliminary criticism, Torquato expounds Epicurus's theory of pleasure in the first book, which is later refuted by Cicero in the second. Here, we present a translation into Portuguese of this preliminary critique (*Fin. I*, 17-26). The translation is accompanied by a brief introduction and explanatory notes.

Keywords: Cicero; Epicurus; Philosophy; Hellenistic philosophy; Latin literature

Introdução

O trecho cuja tradução se apresenta a seguir foi retirado do primeiro diálogo do *De finibus bonorum et malorum* de Cícero (*Fin. I*, 17-26)¹. Trata-se de uma fala da personagem

¹ O presente trabalho resulta da reelaboração de uma pequena porção do texto com o qual trabalhamos em nossa Tese de Doutorado, intitulada *Aspectos do gênero dialógico no De finibus de Cícero* (Lima, 2009). Na Tese, traduzimos todo o extenso tratado e discutimos o gênero literário utilizado pelo autor, dando destaque a algumas das implicações poéticas e filosóficas do uso do diálogo. Agora revisitamos esta porção de texto (*Fin. I*, 17-26), tratando-a com mais detalhe, promovendo alterações importantes na tradução, motivadas por novas leituras de estudos críticos, e acrescentando, na introdução e nas notas, muitas considerações que são resultado não só das leituras mais recentes, mas também de abordagens do texto realizadas no âmbito de disciplinas de pós-graduação que temos oferecido junto ao PPG-Letras Clássicas da USP nos últimos anos. Aproveito a ocasião para agradecer a interlocução dos estudantes nas disciplinas referidas e as considerações apresentadas pelos editores e avaliadores desta revista.

que carrega o nome do autor, em que se faz uma crítica preliminar à filosofia de Epicuro. Na cena representada, essa crítica, em que Cícero expõe os motivos para desaprovar Epicuro, dá ensejo à exposição da teoria do prazer, empreendida pela personagem Lúcio Torquato. A exposição de Torquato, por sua vez, ocupa o restante do livro I.

Obra de 45 a. C., o *De finibus* de Cícero é um tratado filosófico composto por três diálogos nos quais se discute, a partir da perspectiva de três escolas filosóficas do período helenístico, a questão do *finis* (ou *télos*, em grego, porque o conceito remonta a Aristóteles): aquele fim último ao qual deveriam tender todas as nossas ações, desde que comprometidas com a obtenção da felicidade. O tratado é dedicado a Marco Júnio Bruto, destinatário que é interpelado em cada um dos três prefácios que introduzem os diálogos. Os três diálogos são narrados por uma voz em primeira pessoa que se apresenta como o autor da obra. São dramaticamente independentes: cada um deles é ambientado em lugar e tempo distintos dos demais. Em cada uma das cenas, há sempre um defensor de uma concepção de *finis*. No primeiro diálogo, que compreende os livros I e II, discute-se a teoria do prazer de Epicuro. Lúcio Torquato desempenha a função de *patronus* do epicurismo. No segundo diálogo, livros III e IV, Catão, o jovem, é o expositor do pensamento estoico. No terceiro diálogo, que corresponde ao livro V, Pisão é o defensor do pensamento sincrético de Antíoco de Ascalona. Cabe a Cícero, como ele diz, o *principatus*: em cada uma das cenas narradas, sua personagem atua como refutador da argumentação avançada pelo interlocutor em questão.²

No prefácio do livro I, ao apresentar a matéria geral do tratado, o autor esclarece o conceito de que se vai tratar e aponta a importância do conhecimento do *finis* para a condução da vida. Defende, portanto, a pertinência de uma investigação filosófica em torno do conceito:

Pois o que se deve de tal modo investigar na vida senão o que se investiga tanto na filosofia em seu todo, quanto nestes livros em especial: qual é o fim, qual é o termo extremo, qual é o termo último ao qual se deve reportar todo desígnio de viver bem e agir com retidão; o que a natureza persegue como o supremo dentre as coisas a serem buscadas e o que ela evita como o extremo dos males? E uma vez que a respeito desse assunto há entre os mais sábios enorme discordância, quem consideraria impróprio do prestígio que a mim cada qual atribui investigar o que é melhor e mais verdadeiro em todas as ocupações da vida? (Cícero, *Fin.* I, 11)³

² O termo *principatus* ocorre nesse sentido na correspondência de Cícero (Cícero, *Att.*, XIII, 19, 4) e é relacionado aos diálogos compostos por Aristóteles. Na referida carta, Cícero menciona o epicurismo, o estoicismo e o pensamento peripatético como as correntes filosóficas contempladas nos três diálogos do tratado sobre os fins. Já no prefácio ao terceiro diálogo (no livro V do *De finibus*), refere-se à matéria específica do quinto livro por meio da expressão *Antiochi sententia*, isto é, o pensamento de Antíoco.

³ No original: *Quid est enim in vita tantopere quaerendum quam cum omnia in philosophia, tum id quod his libris quaeritur, qui sit finis, quid extremum, quid ultimum, quo sint omnia bene vivendi recteque faciendi consilia referenda, quid sequatur natura ut summum ex rebus expetendis, quid fugiat ut extremum malorum?*

O *finis* está então relacionado à nossa busca por viver bem (*bene uiuendi*). Aparece como o fundamento da correção nas ações (*recte faciendi*), que deveria nos motivar em todas as nossas atividades (*in omni munere uitae*). É por isso que o autor o apresenta como o objeto da questão mais importante não só da filosofia, mas da vida como um todo⁴. O autor defende que o *finis* é uma imposição da natureza humana (*quid sequatur natura*). É algo que decorre das mais primordiais inclinações naturais do homem. Com esse ponto todas as correntes filosóficas consideradas no tratado concordam. Discordariam radicalmente, porém, sobre qual seria de fato o *finis*, ou seja, sobre o que seria o sumo bem, ou, em outras palavras, sobre qual seria essa mais elevada meta do apetite humano, a qual fundamentaria mesmo esse apetite.

O método utilizado ao longo do tratado encontra justificativa na *dissensio*, observada pelo autor, entre os mais doutos filósofos. Assim, por meio do exame dos argumentos favoráveis e contrários a cada uma das soluções propostas pelas diferentes correntes, ele pretende alcançar a melhor concepção acerca do *finis*, aquela que mais se aproximaria da verdade. Esse método Cícero associa à Academia e à busca por aquilo que, em diversas passagens de sua obra, o filósofo romano denomina *probabile*, isto é, aquilo que é digno de aprovação⁵. Ainda que se sirva aqui dos termos *optimum* e *uerissimum*, *melhor* e *mais verdadeiro*, para designar uma possível solução, a ênfase se coloca sobretudo na atividade de *exquirere*, de investigar, de discutir, por meio do exame das opiniões divergentes dos mais eminentes filósofos: confrontar argumentações, para tentar construir discursivamente aquilo que é mais *probabile*.

A cena do primeiro diálogo se passa em 50 a. C.. Está dramaticamente ambientada em uma quinta de Cícero, situada em Cumas, no litoral da Campânia⁶. Duas personagens

Qua de re cum sit inter doctissimos summa dissensio, quis alienum putet eius esse dignitatis quam mihi quisque tribuat quid in omni munere vitae optimum et verissimum sit exquirere? O texto latino do *De finibus* utilizado aqui é aquele estabelecido por T. Schiche, que se encontra na edição da Teubner indicada nas referências. Todas as traduções de textos latinos aqui apresentadas são de nossa autoria.

⁴ Recordemos que a filosofia é tida por Cícero como uma *ars uitae*: um conjunto de conhecimentos que fundamenta racionalmente e guia nossas ações na vida.

⁵ Trata-se de uma visão especial da Academia e das obras de Platão, a qual estava em voga na época de Cícero e que se fundamenta na autoridade de pensadores como Arcésilas, Carnéades e Filon, representantes de um período da Academia especialmente dedicado ao combate das doutrinas de estoicos e epicuristas, consideradas dogmáticas. Arcésilas esteve ativo no século III a. C.. Carnéades viveu no século II a. C. e esteve em Roma em uma famosa embaixada ateniense, composta por filósofos, no ano de 155 a. C.. Filon, de quem Cícero diz ter sido *auditor*, fixou-se por um tempo em Roma, por volta de 88 a. C.. A controvérsia sobre a história da Academia e sobre a possibilidade de conhecimento, travada entre Filon e seu discípulo, Antíoco, é o pano de fundo teórico dos *Academici libri* de Cícero.

⁶ Nos diálogos filosóficos de Cícero, as conversas não ocorrem, em geral, no espaço público da cidade, característico do *negotium*, especialmente das atividades que se ligam aos processos jurídicos e à gestão política. A ambientação das cenas nas quintas (*uillae*) demarca espaço e tempo do *otium*, próprios para a discussão desvinculada de uma utilidade política imediata.

contracenam com Cícero. São assim apresentadas: Lúcio Torquato, *homem versado em todo tipo de ensinamento (homine omni doctrina erudito)*, e Caio Triário, *jovem de caráter especialmente grave, além de bem instruído (in primis grauis et doctus adulescens)*.⁷ Os dois, mais jovens, ao saberem que Cícero se encontrava em sua *uilla*, vêm lhe prestar uma visita. Cícero, a essa altura, desfrutava do prestígio da sua condição de senador e de ex-cônsul. Triário tem pouca participação no diálogo, mas, quando se expressa, mostra-se refratário ao pensamento de Epicuro. A Torquato Cícero declaradamente confere, em mais de uma passagem, competência para expor a teoria do prazer de Epicuro⁸. Atribui também à personagem uma adesão fervorosa ao mestre do Jardim e a seu pensamento⁹. A expressão *omni doctrina erudito*¹⁰, no entanto, aponta para um traço complexo da personagem, que, se é adepto do epicurismo, não deixa de ser especialmente interessado pelas *litterae* e por tudo aquilo que deve compor uma educação ampla, humanista: a formação ideal do homem na perspectiva ciceroniana. Trata-se de um ponto de tensão na confecção da personagem (que não deixa de ser explorado por Cícero), tendo em vista a aversão pela educação tradicional que se atribui a Epicuro e que aparece representada em alguns testemunhos de seu pensamento¹¹. É muito significativo, portanto, que na concisa construção da situação mimética o narrador informe que, antes de começarem a discutir sobre a filosofia de Epicuro, a conversa girava em torno de literatura, de poesia, de erudição literária, ponto comum do vivo

⁷ Cf. Cícero, *Fin.* I, 13.

⁸ Veja-se, por exemplo, *Fin.* I, 28, passo em que Torquato, depois da crítica preliminar de Cícero, dispõe-se a tratar de todo o sistema (*disciplina*) de Epicuro; ou a passagem do final deste primeiro diálogo (*Fin.* II, 119) em que o expositor se refere à familiaridade que tinha com dois mestres do epicurismo, vindos do mundo grego e a essa altura (século I a. C.) instalados na Itália.

⁹ Veja-se, por exemplo, *Fin.* I, 14; I, 32, dentre outras passagens.

¹⁰ Não nos parece que a expressão faça referência ao pensamento de Epicuro em particular, muito embora o contemple também. O adjetivo *omni* aponta para a abrangência da *doctrina*, que extrapola mesmo o terreno do aprendizado filosófico. Não concordamos, portanto, com a tradução proposta por Woolf (2001), que diz: “a man learned in every philosophical system”. Note-se que, no contexto, a expressão é confrontada com *doctus*, que aponta para traço semelhante na personagem mais jovem (de maior gravidade, o que é traço moral, mas de conhecimento menos abrangente), que é Triário. Marinone (1980), com quem concordamos traduz: “colto in ogni ramo del sapere”.

¹¹ Tendo em vista que não é esse o escopo do nosso texto, remetemos o leitor ao artigo de Elizabeth Asmis (1995) que reúne e analisa os mais importantes testemunhos a respeito da postura adotada por Epicuro e alguns de seus seguidores com relação à poesia e à educação tradicional. No que diz respeito ao *De finibus*, vale dizer, por outro lado, que o indivíduo histórico Torquato, a partir do qual é forjada a personagem, foi morto em 46 a. C., na África, após ser derrotado em batalha contra as forças de César. Triário associou-se a Pompeu. Lutou em Farsália. Morreu em batalha em 48 a. C. Em 45 a. C., portanto, ano da composição do tratado, ambos já estavam mortos em decorrência da guerra civil. Não são poucas as personagens nos diálogos de Cícero que são alçados a esse estatuto de mártires da República. No ano em que se passa a cena, 50 a. C., Torquato acabara de ser eleito para o cargo de pretor. Essa outra tensão na confecção da personagem, o conflito entre sua devoção à vida pública e a defesa do prazer e de certos preceitos da doutrina de Epicuro (que preconizam uma vida afastada das inquietudes e ambições da política) será também explorada por Cícero na refutação do livro II.

interesse das três personagens ali reunidas (*pauca primo inter nos de litteris, quarum summum erat in utroque studium*)¹². É quando Torquato, percebendo a ocasião propícia, o ócio de que desfrutam, interpela Cícero a respeito de Epicuro. A transição é sutil. Na opinião de Torquato, Cícero desaprovava Epicuro por conta de um suposto descuido do filósofo grego na expressão verbal de seu pensamento, isto é, em sua elocução. Da discussão sobre as *litterae*, as personagens passam, então, para uma conversa a respeito da elocução de Epicuro, a qual resulta, por fim, no debate sobre o pensamento mesmo do filósofo grego. Isso porque, em determinado ponto, Cícero diz que não é a elocução que lhe desagrade especialmente, mas a matéria. Motivado então por seu interlocutor, ele se livra a um primeiro discurso que contém uma crítica breve e preliminar de toda a filosofia de Epicuro. É justamente o trecho que traduzimos aqui, como mencionamos. Essa crítica se encerra em tom de provocação, reconhecido pela própria personagem de Cícero¹³, o que abre espaço para a discussão mais extensa, desenvolvida mais adiante no primeiro diálogo, que contará com um longo discurso expositivo de Torquato no livro I a respeito da teoria do prazer e com uma extensa refutação de Cícero no livro II.

O texto latino do *De finibus* que utilizamos para a tradução foi aquele estabelecido por T. Schiche na edição da Teubner indicada nas referências¹⁴.

1. Texto latino de Cícero, *Fin. I*, 17-26

17 (...) ‘Principio’ inquam ‘in physicis, quibus maxime gloriatur, primum totus est alienus: Democritea dicit perpauca mutans, sed ita ut ea quae corrigere vult mihi quidem depravare videatur. Ille atomos quas appellat, id est corpora individua propter soliditatem, censet in infinito inani, in quo nihil nec summum nec infimum nec medium nec ultimum nec extremum sit, ita ferri ut concursionebus inter se cohaerescant, ex quo efficiantur ea quae sint quaeque cernantur omnia; eumque motum atomorum nullo a principio, sed ex aeterno

¹² *Fin. I*, 14.

¹³ Cf. *Fin. I*, 26.

¹⁴ Schiche, 1915. Na tradução proposta, buscamos dar conta de reconstruir em português as peculiaridades da elocução filosófica de Cícero, sobre a qual ele reflete com frequência em sua obra. Tentamos, por exemplo, preservar o contraste que por vezes se estabelece entre o modo como o autor lida com os conceitos em latim e o modo como eram tratados em grego. Nesse sentido, levamos em consideração as reflexões teóricas que o autor tece a respeito da tradução, por exemplo no início do livro III do *De finibus* (*Fin. III*, 14-16 e 39-40), nas quais expõe o propósito de escapar do jargão, sempre que há possibilidade, e de se aproximar do léxico da discussão política. Sobre essa questão, veja-se LIMA, 2014. Houve também cuidado em reelaborar em português a clareza e a elegância do discurso e, sempre que possível, em preservar imagens, figuras, tendo em vista a importância que tem o componente estético na persuasão, algo que faz parte das preocupações e da prática filosófica do autor. Algumas dificuldades que enfrentamos no processo de tradução estão expostas nas notas.

tempore intellegi convenire. **18** Epicurus autem, in quibus sequitur Democritum, non fere labitur. Quamquam utriusque cum multa non probo, tum illud in primis, quod, cum in rerum natura duo quaerenda sint, unum, quae materia sit ex qua quaeque res efficiatur, alterum quae vis sit quae quidque efficiat, de materia disseruerunt, vim et causam efficiendi reliquerunt. Sed hoc commune vitium, illae Epicuri propriae ruinae: censet enim eadem illa individua et solida corpora ferri deorsum suo pondere ad lineam, hunc naturalem esse omnium corporum motum. **19** Deinde ibidem homo acutus, cum illud occurreret, si omnia deorsus e regione ferrentur et, ut dixi, ad lineam, numquam fore ut atomus altera alteram posset attingere +itaque+ attulit rem commenticiam: declinare dixit atomum perpaulum, quo nihil posset fieri minus; ita effici complexiones et copulationes et adhaesiones atomorum inter se, ex quo efficeretur mundus omnesque partes mundi quaeque in eo essent. Quae cum tota res <est> ficta pueriliter, tum ne efficit <quidem> quod vult. Nam et ipsa declinatio ad libidinem fingitur (ait enim declinare atomum sine causa; quo nihil turpius physico quam fieri quicquam sine causa dicere) et illum motum naturalem omnium ponderum, ut ipse constituit, e regione inferiorem locum petentium sine causa eripuit atomis; nec tamen id cuius causa haec finxerat adsecutus est. **20** Nam si omnes atomi declinabunt, nullae umquam cohaerescunt; sive aliae declinabunt, aliae suo nutu recte ferentur, primum erit hoc quasi provincias atomis dare, quae recte, quae oblique ferantur, deinde eadem illa atomorum (in quo etiam Democritus haeret) turbulenta concursio hunc mundi ornatum efficere non poterit. Ne illud quidem physici, credere aliquid esse minimum, quod profecto numquam putavisset, si a Polyaeno, familiari suo, geometrica discere maluisset quam illum etiam ipsum dedocere. Sol Democrito magnus videtur, quippe homini erudito in geometriaque perfecto, huic pedalis fortasse; tantum enim esse censet, quantus videtur, vel paulo aut maiorem aut minorem. **21** Ita quae mutat ea corrumpit, quae sequitur sunt tota Democriti, atomi, inane, imagines, quae εἰδῶλα nominant, quorum incursione non solum videamus sed etiam cogitemus; infinitio ipsa, quam ἀπειρίαν vocant, tota ab illo est, tum innumerabiles mundi qui et oriantur et intereant cotidie. Quae etsi mihi nullo modo probantur, tamen Democritum, laudatum a ceteris ab hoc qui eum unum secutus esset nollem vituperatum.

22 Iam in altera philosophiae parte, quae est quaerendi ac disserendi, quae λογική dicitur, iste vester plane, ut mihi quidem videtur, inermis ac nudus est. Tollit definitiones; nihil de dividendo ac partiendo docet; non quo modo efficiatur concludaturque ratio tradit, non qua via captiosa solvantur, ambigua distinguantur ostendit; iudicia rerum in sensibus ponit, quibus

si semel aliquid falsi pro vero probatum sit, sublatum esse omne iudicium veri et falsi putat.***

*** **23** Confirmat autem illud vel maxime quod ipsa natura, ut ait ille, sciscat et probet, id est voluptatem et dolorem. Ad haec et quae sequamur et quae fugiamus refert omnia. Quod quamquam Aristippi est a Cyrenaicisque melius liberiusque defenditur, tamen eius modi esse iudico ut nihil homine videatur indignius; ad maiora enim quaedam nos natura genuit et conformavit, ut mihi quidem videtur. Ac fieri potest ut errem; sed ita prorsus existimo, neque eum Torquatum qui hoc primum cognomen invenit aut torquem illum hosti detraxisse ut aliquam ex eo perciperet corpore voluptatem aut cum Latinis tertio consulatu conflixisse apud Vesperim propter voluptatem. Quod uero securi percussit filium, privavisse se etiam videtur multis voluptatibus, cum ipsi naturae patrioque amoris praetulerit ius maiestatis atque imperi.

24 Quid? T. Torquatus, is qui consul cum Cn. Octavio fuit, cum illam severitatem in eo filio adhibuit quem in adoptionem D. Silano emancipauerat ut eum, Macedonum legatis accusantibus quod pecunias praetorem in provincia cepisse arguerent, causam apud se dicere iuberet, neque ex utraque parte audita pronuntiaret eum non talem videri fuisse in imperio quales eius maiores fuissent, et in conspectum suum venire vetuit, numquid tibi videtur de voluptatibus suis cogitavisse?

Sed ut omittam pericula, labores, dolorem etiam quem optimus quisque pro patria et pro suis suscipit, ut non modo nullam capteret sed etiam praetereat omnes voluptates, dolores denique quosuis suscipere malit quam deserere ullam officii partem, ad ea quae hoc non minus declarant sed videntur leviora, veniamus. **25** Quid tibi, Torquate, quid huic Triario litterae, quid historiae cognitioque rerum, quid poetarum evolutio, quid tanta tot versuum memoria voluptatis adfert? Nec mihi illud dixeris: “Haec enim ipsa mihi sunt voluptati, et erant illa Torquatis.” Numquam hoc ita defendit Epicurus neque Metrodorus aut quisquam eorum qui aut saperet aliquid aut ista didicisset. Et quod quaeritur saepe, cur tam multi sint Epicurei, sunt aliae quoque causae, sed multitudinem haec maxime adlicit, quod ita putant dici ab illo, recta et honesta quae sint, ea facere ipsa per se laetitiam, id est voluptatem. Homines optimi non intellegunt totam rationem everti, si ita res se habeat. Nam si concederetur, etiamsi ad corpus nihil referatur, ista sua sponte et per se esse iucunda, per se esset et virtus et cognitio rerum, quod minime ille vult, expetenda.

26 Haec igitur Epicuri non probo’, inquam. ‘De cetero vellem equidem aut ipse doctrinis fuisset instructor (est enim, quod tibi ita videri necesse est, non satis politus iis

artibus quas qui tenent eruditi appellantur), aut ne deterruisset alios a studiis. Quamquam te quidem video minime esse deterritum.’

2. Tradução de Cícero, *Fin. I*, 17-26

17 (...) “Para começar”, disse eu, “no que diz respeito à física, da qual ele sobretudo se vangloria, em primeiro lugar¹⁵, tudo vem de outro. Expressa pensamentos de Demócrito¹⁶, com pouquíssimas alterações, mas de tal modo, que aquilo que ele quer corrigir, na minha opinião ao menos, ele distorce. O que Demócrito chama de átomos, isto é, corpos indivisíveis por causa de sua solidez¹⁷, considera que, em um vazio infinito¹⁸, no qual não haveria nada nem mais alto, nem mais baixo, nem médio, nem mais interno, nem mais externo, de tal modo se deixam levar, que, entrechocando-se em movimento, unem-se em aglomerados, a partir do que são produzidas as coisas que existem e tudo o que se vê¹⁹; e este movimento, deve-se entender, não tem um princípio, mas é de existência eterna. 18 Quanto a Epicuro, naquilo que segue Demócrito, quase não comete deslize. Embora eu não aprove muitas coisas de ambos, sobretudo isto eu desaprovo: uma vez que dupla é a investigação com relação à natureza das coisas²⁰ – por um lado, investigar qual seja a matéria a partir da qual cada coisa é produzida; por outro, qual seja a força que produz cada coisa –, discorreram a respeito da matéria, deixaram de lado a força e a causa eficiente. Mas essa é uma falha que é comum aos dois; mas

¹⁵ Com *para começar* vertemos *principio*. Em primeiro lugar está por *primum*. Não há redundância no texto. A primeira expressão utilizada trata da divisão da filosofia em partes. *Principio* diz respeito à física, a parte que, na argumentação, vem em primeiro lugar. Desse modo, *principio* se contrapõe a *in altera parte philosophiae*, expressão que ocorre na seção 22. A segunda parte é a lógica (ou dialética). O termo *primum*, por sua vez, introduz a série de objeções que serão feitas à física de Epicuro. Na lacuna entre as seções 22 e 23 devia ocorrer a expressão que introduzia a terceira parte, isto é, a ética.

¹⁶ Demócrito, que viveu entre 460 e 350 a. C., aproximadamente, nasceu em Abdera, cidade da Trácia. Servia-se dos átomos, unidades materiais indivisíveis, para explicar a formação do mundo e o funcionamento da natureza.

¹⁷ Cícero opta por transliterar o termo grego. Utiliza *atomus* no feminino e explica o conceito por meio de um circunlóquio: *corpora indiuidua propter soliditatem* (cf., na seção 18: *illa indiuidua et solida corpora*). Demócrito utilizou o neutro *tò átonon*. Sabemos que um epicurista romano, Amafinio, a quem Cícero dirige muitas críticas, serviu-se do termo *corpusculum*, que Cícero por vezes também utiliza, como em *Acad.* I, 6. Lucrécio, poeta que expôs a física de Epicuro, em seu *De rerum natura* utiliza perífrases explicativas para tratar do conceito. Não usa jamais a palavra grega. Em seu poema, encontramos *genitalia corpora* (Lucrécio, *DRN* I, 167), *corpora prima* (I, 171), *semina rerum* (I, 176), *communia corpora* (I, 196), *primordia rerum* (I, 210).

¹⁸ De acordo com Epicuro, todo o universo é formado por átomos que se encontram espalhados em um vazio infinito. Cf. Lucr., *DRN* I, 418 e ss e Cic., *ND*, I, 54.

¹⁹ Já que eles têm pequeníssima dimensão, nós não conseguimos enxergar os átomos. Somos capazes de ver apenas os objetos compostos, formados pela associação de uma grande quantidade de átomos (cf. Lucr. *RN* I, 268-270).

²⁰ *Rerum natura* é expressão de que se servem os autores latinos para designar a *física*, aquela parte da filosofia que estuda a *phýsis*, ou seja, a natureza. O substantivo *natura*, que tem a mesma raiz do verbo *nascor*, *nascere*, sugere uma preocupação especial com o surgimento, com a origem das coisas que existem no mundo.

veja onde Epicuro cai sozinho²¹: ele considera, de fato, que aqueles mesmos corpos sólidos e indivisíveis são levados para baixo por seu próprio peso segundo uma linha perpendicular, e que este é o movimento natural de todos os corpos. **19** Em seguida, então, quando lhe ocorreu que, se todos eles²² se deixassem levar para baixo em linha reta e, como ele disse, perpendicularmente, jamais um átomo poderia vir a tocar um outro, de pronto esse homem perspicaz criou um expediente fantasioso e, assim, afirmou que o átomo sofre um pequeníssimo desvio, com relação ao qual nada poderia ser menor; e assim se produziriam os conglomerações, os ajuntamentos e conglomerados de átomos entre si, a partir do que se produziria o mundo e todas as partes do mundo e aquilo que nele se encontra. ²³ Coisa que, uma vez que foi toda inventada de maneira pueril, nem mesmo produz o que ele deseja. Pois também o próprio desvio é inventado segundo seu capricho (ora, ele afirma que o átomo se desvia sem uma causa²⁴; e nada é mais vergonhoso para um físico do que dizer que algo acontece sem uma causa), e aquele movimento natural de todos os corpos pesados, como ele próprio estabeleceu, em linha reta e tendendo ao lugar mais baixo, ele acabou por arrancar dos átomos sem uma causa e, mesmo assim, não alcançou o que pretendia ao inventar tais coisas²⁵. **20** Ora, se todos os átomos se desviarem, nenhum jamais se unirá a outro; por outro

²¹ Difícil manter o jogo que se opera com o sentido mais concreto do termo *ruina, queda, desmoronamento*, em um contexto em que já se falou dos deslizos de Epicuro, passos falsos que ele daria ao não seguir Demócrito (*in quibus sequitur Democritum, non fere labitur*) e em que a argumentação avança em direção à uma crítica do *clinamen*, o desvio que alguns átomos sofreriam em sua queda. Mais adiante, Cícero insinua que esse subterfúgio abalaria os fundamentos de toda a física do mestre do Jardim.

²² A referência aqui é aos átomos.

²³ O acúmulo de termos latinos (*complexiones et copulationes et adhaesiones*) pretende verter o grego *periploké* (cf. Diógenes Laércio, X, 43) que se relaciona com o verbo *peripléko*: *dobrar-se ao redor, abraçar*. O mundo é formado a partir dos encontros entre os átomos. *Partes mundi* diz respeito às grandes divisões do mundo, como mar, terra e céu. A expressão *quae in eo essent*, por sua vez, parece indicar os animais, plantas etc. A abordagem de Torquato vai, portanto, do geral ao particular.

²⁴ Se antes utilizara o verbo *declinat*, Cícero usa aqui o substantivo *declinatio* para lidar com o conceito que Epicuro teria exprimido por meio de *parénklisis*. Embora não atestado em textos de Epicuro, o termo aparece em Filodemo (cf. Reid, 1925, p. 29). Em Lucrécio, encontra-se a forma *clinamen* (DRN II, 292-3: *exiguum clinamen principiorum / nec regione loci certa nec tempore certo*, isto é, *um exíguo desvio dos princípios das coisas, nem em parte certa do espaço, nem em tempo certo*). Vale observar que o verbo *finjo*, utilizado por Cícero para depreciar a argumentação de Epicuro, foi usado por Lucrécio em uma passagem em que o poeta explica que o desvio é mínimo, preocupado com não dar a impressão de que os epicuristas estão *inventando* um movimento oblíquo (cf. DRN. II, 243-4: *ne fingere motus / obliquos uideamur*).

²⁵ Seriam dois os problemas causados pelo expediente da *declinatio*. Por um lado, o desvio não se fundamentaria em uma causa e, por outro, como se anuncia aqui e se desenvolve adiante, não seria capaz de explicar aquilo para o que foi criado, a saber: a possibilidade de encontro entre os átomos. No *De fato*, na seção 22, há uma versão mais desenvolvida dessa crítica. Assim como ocorre no *De finibus*, na passagem do *De fato* a teoria de Demócrito é considerada superior, uma vez que apontaria os choques entre os átomos como causa para o desvio. Conforme a exposição ciceroniana, a diferença de peso entre os átomos faria com os de cima tocassem os de baixo durante a queda no vazio infinito. Ao cair mais rapidamente do que o outro, um átomo poderia tocar de leve, lateralmente, um outro átomo. Desse choque produzir-se-ia uma alteração no movimento retilíneo. Voltando ao pensamento de Epicuro, vale dizer que o *clinamen* parece ter servido também de princípio de explicação para a liberdade de escolha. Em *Fat.* 23, por exemplo, o movimento dos átomos que constituem o

lado, se uns se desviarem e outros, por sua tendência natural, deixarem-se ir em linha reta, isto seria, em primeiro lugar, conceder como que privilégios aos átomos: uns deixar-se-iam ir em linha reta, outros obliquamente²⁶. Além disso, esse turbulento movimento dos átomos em alvoroço – e nisto também Demócrito se embaraça – não seria capaz de produzir esta bela ordenação do mundo. Nem mesmo isto de acreditar que haja algo mínimo é próprio de um físico, algo que certamente jamais teria cogitado, se de Polieno, seu amigo íntimo, tivesse preferido aprender geometria a fazer com que inclusive ele próprio a desaprendesse²⁷. O Sol é grande na opinião de Demócrito, este certamente um homem bem formado e versado em geometria²⁸; para Epicuro, teria talvez um pé de diâmetro; considera, então, que é do tamanho que é visto, ou um pouco maior ou menor. 21 Dessa forma, aquilo que ele altera, estraga, aquilo que segue, vem inteiramente de Demócrito: os átomos, o vazio, as imagens, que denominam²⁹ εἰδωλα, por cujo choque não só podemos ver, mas ainda pensar³⁰. Até mesmo a

animus do homem vem associado à decisão livre. Argumento semelhante aparece em Lucrécio. Cf. *DRN* II, 251-293.

²⁶ Na perspectiva crítica de Cícero, os átomos só poderiam se encontrar caso uns se desviassem e outros não. Nos testemunhos do pensamento de Epicuro, no entanto, o que se observa é que, ainda que os átomos tenham diferentes tamanhos e diferentes formas, eles se submetem todos a movimentos semelhantes. Para Cícero, então, com o *clinamen*, introduzido arbitrariamente, Epicuro produziria uma contradição: atribuiria certo tipo de movimento a uns átomos e a outros não. A crítica é matizada por um comentário sobre certa prática do ambiente político romano. O termo *prouincia*, que vem introduzido por *quasi* (advérbio que marca o fato de não ser um termo próprio), é do âmbito da administração política. Conferir características particulares a alguns átomos seria como que conceder a eles atribuições especiais, como as que tem um governador a quem se concedeu uma província.

²⁷ Polieno foi um geômetra. Nasceu em Lâmpsaco, cidade na Trôade, na Ásia Menor. Sobre o que se diz aqui, veja-se Cic. *Ac.* II, 106: *Polyaenus, qui magnus mathematicus fuisse dicitur, is posteaquam Epicuro adsentiens totam geometriam falsam esse credidit*, ou seja: *Polieno, que, dizem, foi um grande matemático, depois que passou a concordar com Epicuro, chegou a acreditar que a geometria era inteiramente falsa*. No contexto da crítica, a geometria poderia vir em auxílio de Epicuro para mostrar que não é possível haver uma extensão mínima, com relação à qual nada poderia ser menor.

²⁸ Na esteira da menção feita a Polieno, que teria negado a geometria por influência de Epicuro, esta ressalva com relação à educação de Demócrito, dito *eruditus*, prepara o tratamento crítico da negação da *paideia* (*eruditio*, na expressão ciceroniana), isto é, a negação da educação tradicional, que parece ter sido uma diretriz defendida por Epicuro. É importante considerar o peso da crítica feita por Cícero. Ela aponta para um elemento da educação tradicional que de fato interfere na compreensão da natureza. Ora, o conhecimento da natureza, na concepção de Epicuro, é fundamental para a obtenção da imperturbabilidade, condição da vida feliz. Já a alegada falta de compromisso de certa parte da *eruditio* com a produção da felicidade aparece mais adiante, na exposição de Torquato, como justificativa para as ressalvas feitas pelos epicuristas. Cf. *Fin.* I, 71.

²⁹ Esse plural subentende algo como *os gregos*, ou *os epicuristas gregos*.

³⁰ Como nada mais existe além dos corpos, a não ser o vazio, a alma também é material e, desse modo, todos os fenômenos anímicos ocorrem por movimentos e choques de átomos. Na teoria de Epicuro, de todos os objetos que se submetem à apreensão de nossos sentidos emanam como que películas, que são também materiais, formadas por átomos, mas de composição extremamente sutil. Essas películas guardariam a mesma forma do objeto a partir do qual elas são produzidas e se movimentariam em todas as direções e com grande velocidade (cf. Diógenes Laércio, X, 46 e 49). Ao se chocarem contra os nossos órgãos do sentido, elas colocariam em movimento os átomos da nossa alma, dando origem às percepções e aos pensamentos (D. L., X, 50). Cícero trata da teoria das *imagines* também em *ND* I, 107 e 108. Quanto à tradução do termo εἰδωλα, vale dizer que Cícero se serve ainda de *simulacra*. Os dois termos, aliás, já haviam sido usados por Lucrécio, que discute a percepção e o pensamento no canto IV de seu poema. A partir de uma carta de Cícero endereçada a um amigo, Cássio (cf.

extensão infinita, que chamam ἀπειρία, vem toda de Demócrito³¹; além disso, os inumeráveis mundos que se originariam e pereceriam todos os dias³². Embora tais coisas não me pareçam de modo algum prováveis, não queria que Demócrito, louvado pelos demais, fosse detratado por quem o seguira exclusivamente³³.

VII 22 Já na outra parte da filosofia, que lida com a investigação e com a argumentação, que é chamada λογική³⁴, esse filósofo de vocês está, como a mim ao menos parece,

Fam. XV, 16, 1), sabemos que um outro epicurista romano, nomeado *Catius*, utilizou *spectrum* para tratar do conceito.

³¹ O uso do pronome *ipsa*, traduzido aqui por *até mesmo a*, sugere que a doutrina devia ter certo destaque na exposição da física de Epicuro. Para Reid (1925, p. 33), os epicuristas defenderiam a originalidade do argumento. De todo modo, na carta endereçada a Heródoto, Epicuro se serve do neutro *ápeiron* (cf. D. L. X, 41) para designar o conjunto formado por todas as coisas que existem. Epicuro defendia que, para poder comportar a quantidade infinita de átomos que existem, o vazio no qual eles se deslocam teria de ser necessariamente infinito. Desse ponto também Lucrécio tratou. Cf. *DRN* I, 951-1013.

³² Trata-se de uma consequência que se extrai logicamente da doutrina da infinidade de átomos e da extensão infinita do vazio (cf. D. L. X, 45). Já que não há nada que impeça a expansão dos átomos no vazio infinito, nada impede que se formem incontáveis mundos, produzidos pelos encontros fortuitos dos átomos (cf. Cic. *ND* I, 67). Vale dizer que a formação e a destruição de tudo o que existe se dá pela agregação e desagregação dos átomos que constituem os compostos.

³³ Usener (1887, p. 97) conjectura que Epicuro criticou Demócrito em um texto especialmente voltado para esse fim. Há testemunhos antigos (cf. D.L., X, 24-25) que dão conta da existência de uma literatura epicurista (produzida por autores como Metrodoro e Hermarco) especialmente marcada pelo tom virulento das críticas dirigidas a outros filósofos. Diógenes Laércio conta que Epicuro costumava se servir de alcunhas difamatórias. Demócrito, por exemplo, era chamado *Lerókritos*, algo como *expositor de coisas sem sentido*. Vale dizer, por outro lado, que em parte da literatura que traz notícias sobre a escola de Epicuro Demócrito é tratado de modo respeitoso. Plutarco, por exemplo (em *Aduersus Colotes*, *apud* Reid, 1925, p. 34), cita Leonteu, que conviveu com Epicuro, o qual testemunha que o mestre se declarava seguidor de Demócrito. Diz ainda que a teoria dos átomos sempre foi considerada, na escola do Jardim, como uma criação de Demócrito. Quanto à afirmação que lida com o prestígio desfrutado por Demócrito junto a outros filósofos, vale recordar, por exemplo, que o ceticismo acadêmico tinha esse filósofo como uma espécie de autoridade (cf. Cic. *Ac.* I, 44). Recordemos que essa corrente, instaurada por Arcésilas, contava com a adesão de Cícero.

³⁴ Essa divisão da filosofia nas três partes aqui mencionadas é atribuída ao próprio Platão em algumas passagens da obra de Cícero. Em *Ac.* I, 19, a personagem Varrão trata assim das partes: *una de uita et moribus, altera de natura et rebus occultis, tertia de disserendo et quid uerum, quid falsum, quid rectum in oratione prauumue, quid consentiens, quid repugnet iudicando*, isto é: *uma que lida com a vida e os costumes, outra, com as coisas ocultas, uma terceira, com a argumentação e com o julgamento sobre o que é verdadeiro, o que é falso, o que é correto ou incorreto no discurso, o que é coerente, o que é contraditório*. Se a crítica aqui começa pela física, passa à lógica e, só depois, se aplica à moral, isso se deve, ao que parece, ao ordenamento dado a essas partes na filosofia epicurista. Seja como for, o arcabouço teórico de que se serve o autor é claramente acadêmico. Manifesta-se, por exemplo, no fato de tratar da segunda parte como *logiké* (e não *kánon*, como era costume entre os epicuristas) e de abordá-la, em sua crítica, a partir de uma perspectiva muito próxima à da categorização feita dessa parte na divisão exposta em *Ac.* I, 19.

completamente inerte e indefeso³⁵. Ele suprime as definições³⁶; nada ensina sobre dividir e dispor em partes³⁷; não dá lições sobre o modo como se produz e se conclui um raciocínio, não mostra por que método se resolvem os argumentos capciosos e se distinguem as ambiguidades. A capacidade de julgar as coisas ele a fundamenta nos sentidos, e se por eles alguma vez algo falso for aceito como verdadeiro, considera estar suprimida toda a capacidade de julgar entre verdadeiro e falso³⁸.

[...] provável lacuna³⁹

23 Por outro lado, institui com a maior firmeza possível aquilo que a própria natureza, como ele diz, estabelece e aprova, isto é: o prazer e a dor. A estes ele refere não só tudo o que devemos perseguir, como tudo o que devemos evitar. É algo que, embora venha de Aristipo e

³⁵ Aqui se inciam as críticas dirigidas à lógica de Epicuro. Toda a sequência do texto faz pensar no comentário que introduziu o tratamento do pensamento epicurista. Na seção 13, Cícero prometera uma exposição (trata-se daquela que vai ser ainda apresentada por Torquato) mais bem cuidada do que as que costumavam ser feitas pelos adeptos da doutrina. Do ponto de vista da elocução, registre-se que há uma interessante correspondência verbal entre a frase ciceroniana *inermis ac nudus* e uma passagem de Lucrécio: *nam facile ollis / omnia cedebant armatis nuda et inerma* (DRN V, 1291-1292), isto é, *pois todas as coisas, desnudas e inermes, cediam a eles, que estavam armados*. O trecho de Lucrécio trata do domínio do homem sobre a natureza; ou seja, a expressão aparece em contexto argumentativo diverso. Não é necessário supor que haja aqui uma alusão ao *De rerum natura*. É possível que a fórmula seja retomada a partir de uma fonte poética conhecida por ambos os autores.

³⁶ Essa crítica reaparece no *De finibus*, em II, 4. Quanto a Torquato, em I, 29, por exemplo, ele formula uma definição para *télos*. A própria personagem Cícero admite isso em II, 4, ainda que aponte o caráter como que excepcional do uso do recurso, que teria sido avançado de modo inadvertido (*imprudens*) pelo expositor do epicurismo. Talvez o autor do *De finibus* tenha desejado assinalar a qualidade formal da exposição feita por Torquato, em desfavor de Epicuro e de outros epicuristas. Vale dizer, de todo modo, que em textos de outros autores, podemos ver, com efeito, definições serem atribuídas a Epicuro. É o caso de uma definição de filosofia, reportada por Sexto Empírico (*Adversus Mathematicos*, II, 169). Reid considera que, por criticar o modo como Epicuro apresenta suas definições, e por se apegar ao rigor técnico dos acadêmicos e estoicos, Cícero acabaria por defender, de modo exagerado, que esse tipo de procedimento teria sido completamente negligenciado por Epicuro (cf. REID, 1925, p. 34).

³⁷ Em *Fin.* II, 26, Cícero critica especialmente a divisão dos desejos que é proposta por Epicuro. Essa partição, por sua vez, é apresentada em *Fin.* I, 45. Em textos de Epicuro, ela pode ser vista na *Carta a Meneceu*, preservada por Diógenes Laércio, cf. D. L. X, 127.

³⁸ A abordagem está em conformidade com a *Máxima* 23 de Epicuro (cf. D. L. X, 146), em que se formula este princípio que expressa a validade absoluta das sensações como critério para o julgamento a respeito de todas as coisas que conhecemos. A discussão será retomada por Torquato em *Fin.* I, 63-4. O termo *iudicium* traduz *kritérion*. No pensamento do Jardim, três são os critérios: *aisthéseis*, *prolêpseis* e *páthe*, isto é: as sensações, as noções e as afecções (cf. D.L. X, 31). Mas os dois últimos se submetem ao primeiro. A testemunha decisiva da verdade é a sensação. O sentido, por si mesmo, não mente jamais (cf. Cícero. *Lucullus* 79-80). Nesse cenário, o erro seria produzido por uma inferência equivocada, feita a partir dos dados dos sentidos.

³⁹ O fim da crítica à canônica e o início da crítica à ética não foram preservados pela transmissão textual. Há aqui uma lacuna, conforme pensam alguns editores. Mas há também quem defenda que não há lacuna, como Allen, um estudioso do texto. Para ele, *illud* poderia retomar *iudicium* (*apud* Reid, 1925, p. 35). Se for assim, o critério de discernimento entre o verdadeiro e o falso estaria intimamente ligado à percepção ética, também fundamentada nos sentidos, que dá conta de que o bem seja o prazer e, por outro lado, de que a dor seja o mal. Não há, no entanto, qualquer outro testemunho antigo que ateste essa associação. Para Reid, a proposta de Allen cria problemas na sintaxe do texto, já que nos faz supor que um *id*, que seria o antecedente de *illud*, seria o sujeito de *confirmat*. Os verbos em terceira pessoa do singular que ocorrem na passagem, porém, *tradit* e *putat*, têm claramente Epicuro como sujeito lógico.

pelos cirenaicos seja mais bem defendido, e mais abertamente⁴⁰, julgo ser de tal tipo, que nada parece mais indigno do homem, pois para certas coisas maiores a natureza nos gerou e nos conformou, como a mim ao menos parece⁴¹. E pode até ser que eu esteja enganado, mas é precisamente assim que penso: o Torquato que por primeiro ganhou esse sobrenome não arrancou o célebre colar ao inimigo a fim de que com isso experimentasse algum prazer corporal, nem, em seu terceiro consulado, confrontou-se com os latinos junto ao rio Vésere com vistas ao prazer. Quanto, de fato, a ter golpeado seu filho com a machadinha, parece inclusive ter se privado de muitos prazeres, quando à própria natureza e ao amor paterno antepôs os direitos da autoridade civil e do comando militar⁴².

24 O quê? Tito Torquato, que foi cônsul juntamente com Gn. Otávio, ao ter empregado célebre exemplo de severidade contra o filho que emancipara para ser adotado por D. Silano, quando, ao acusarem-no os embaixadores da Macedônia, inculpando-o de ter se apoderado de somas de dinheiro na época em que era pretor na província, ordenou, então, que a causa fosse

⁴⁰ Há um Aristipo, que esteve ativo no século IV a. C.. Foi contemporâneo de Sócrates. Talvez seu discípulo. Nasceu em Cirene, cidade do norte da África. Não se sabe ao certo, porém, se foi ele mesmo ou um neto de mesmo nome o iniciador da corrente aqui referida, frequentemente nomeada “cirenaica”. Seja como for, os cirenaicos defendiam que o homem deve ter como meta o prazer imediato, aquele que move os sentidos, sem levar em consideração quaisquer consequências. Com o argumento, Cícero antecipa, em alguma medida, uma das estratégias utilizadas no livro II, na refutação. Lá ele representa Epicuro como um sensualista que dissimularia sua devoção aos prazeres imediatos, utilizando a ideia de ausência de dor. Na exposição de Torquato, o pensamento de Aristipo de Cirene é abordado em *Fin.* I, 39.

⁴¹ Em Cic. *Ac.* I, 6, a personagem Varrão, utilizada como porta-voz do sistema de Antíoco, afirma que os epicuristas *pecudis et hominis idem bonum esse censent*, isto é: *consideram que um mesmo bem há para o homem e para o animal*. Não se trata, portanto, de opinião exclusiva dos estoicos isso que se defende nesta passagem do *De finibus*. Tanto os estoicos (que têm sua doutrina exposta no livro III), quanto Antíoco, que promove uma conciliação entre Academia e Liceu (veja-se o livro V), argumentam que animais e homens não podem ter o mesmo *télos*, visto que têm naturezas diferentes.

⁴² Trata-se de Tito Mânlio Torquato, chamado ainda *Imperiosus*. Era renomado pela severidade e pelo rigor extremo na imposição da disciplina. Recebeu o sobrenome *Torquatus* por ter tomado e utilizado como uma espécie de troféu o colar (*torquis*) de um inimigo gaulês que matou em um combate mano-a-mano no ano de 361 a. C., episódio que é aqui rememorado. Em 340 a. C, quando ocupava o consulado pela terceira vez, o antigo Torquato conduziu os romanos à vitória contra os latinos numa batalha que se deu junto ao rio Vésere. Foi nessa circunstância que ordenou a execução de seu próprio filho, que aceitou duelar contra um soldado da cavalaria, negligenciando ordens expressas do pai. *Golpear com a machadinha* faz referência à *securis*, machadinha que era um dos símbolos do poder coerção das autoridades romanas, o qual remete à pena capital. No canto VI da *Eneida* de Virgílio, a personagem é descrita no mundo dos mortos portando seu célebre atributo (cf. Verg. *A.* VI, 825), algo que faz pensar no impacto que o exemplo de Torquato deve ter tido no imaginário romano. Tito Lívio também narra o episódio (cf. Liv. *AUC.* VIII, 7). É costume de Cícero evocar exemplos ilustres do passado romano. Servem de adorno, mas conferem também autoridade à argumentação; neste caso, o argumento tem ainda um apelo emocional particular, tendo em vista que os exemplos trazem à discussão antepassados de seu interlocutor. Os exemplos são introduzidos na argumentação de modo a tornar clara a indignação da personagem Cícero com a interpretação equivocada e indigna que o sistema de Epicuro ofereceria para as ações severas e heroicas dos grandes homens do passado romano. Na concepção geral que o autor tem da narrativa histórica, a rememoração de homens e fatos deve ter função didática. Aqui, essa rememoração se presta ao exame. Ora, fazer da discussão e do confronto entre as correntes filosóficas uma parte constitutiva da educação dos romanos, o que é um propósito declarado de Cícero em suas obras filosóficas, passa também por refletir a respeito das ações dos homens do passado romano à luz das doutrinas gregas.

defendida junto a si e, a partir do que ouvira de ambas as partes⁴³, declarou que o filho não parecia ter se portado na magistratura tal qual seus antepassados e o proibiu de vir a sua presença, acaso parece a você que ele pensou em seus próprios prazeres?⁴⁴

Mas, deixando de lado os riscos, as fadigas e até a dor que cada um dos melhores homens toma sobre si em favor da pátria e dos seus, a ponto de não apenas não lhe apetecer algum prazer, mas inclusive preterir todos e, por fim, preferir suportar dores, quaisquer que sejam elas, a abandonar alguma parte de seu dever, passemos a coisas que não deixam de tornar isso manifesto, mas que parecem ser menos importantes: **25** o que para você, Torquato, ou para Triário, que está aqui, o que as obras literárias, o que as obras de história e o conhecimento das coisas, o que a leitura de poetas, o que tão vasta memória de tantos versos traz de prazeroso?⁴⁵ E não vá me dizer isto: ‘Ora, tais coisas são em si mesmas um prazer para mim, e aquelas o eram para os Torquatos’. Jamais defendeu tal ideia Epicuro, nem Metrodoro ou algum dentre os que ou tivessem algum tino, ou tivessem aprendido a doutrina⁴⁶. E quanto ao que amiúde se pergunta: ‘por que há tantos epicuristas?’; há outras causas também, mas

⁴³ O episódio teria ocorrido em 141 a. C.. Diante de uma acusação feita contra o próprio filho, Tito Torquato agiu, segundo Cícero, como se espera de um juiz equânime: ouviu ambas as partes (*ex utraque parte audita*) antes de tomar alguma decisão. Vale notar que esse procedimento, fundamental para as decisões jurídicas, aproxima-se, conforme muitos estudiosos têm apontado, do método de investigação filosófica defendido por Cícero e associado por ele à Academia do seu tempo: o *in utramque partem dicere*, isto é, argumentar em favor de ambas as partes. Por meio do exemplo histórico, portanto, Cícero insinua, por um lado, a incongruência entre o *mos maiorum* e a filosofia de Epicuro e, por outro, a harmonia entre o probabilismo acadêmico e esses costumes tradicionais e basilares da república romana.

⁴⁴ Tito Mânlio Torquato e Gneu Otávio foram cônsules em 165 a. C. No episódio referido, Tito obteve do senado a permissão para conduzir pessoalmente um processo no qual era réu um filho seu que, por adoção, tornara-se Décio Júnio Silano. Consumada a condenação, Tito, seguindo o exemplo de severidade de seus antepassados, declarou o filho indigno de sua família. Em seguida, o filho se suicidou. O pai recusou-se ainda a assistir ao funeral (cf. Reid, 1925, p. 38).

⁴⁵ É um problema, para os defensores romanos da filosofia de Epicuro, explicar o interesse que têm pelos estudos, pelas artes liberais. Na verdade, pensando na própria doutrina, há testemunhos significativos que dão conta de críticas formuladas por Epicuro à educação tradicional, às narrativas dos poetas etc (cf. Asmis, 1995). Na obra de Cícero, esse possível descompasso entre doutrina e prática é às vezes explorado. No *De finibus*, isso se dá especialmente no exame do comportamento de Torquato. Sabemos que, para Epicuro, como desenvolverá Torquato, o conhecimento da física é fundamental, pois é por meio dele que nos livramos do medo, ou seja, adquirimos o tipo de prazer puro concebido por Epicuro. De todo modo, se uma parte considerável da educação liberal era condenada e tida como inútil, senão perniciosa, a discussão não é simples. Os textos preservados de Epicuro e os testemunhos posteriores se prestam a interpretações diferentes. Não conhecemos exatamente a extensão da condenação de Epicuro e não conhecemos as nuances exatas de sua argumentação. Os estudiosos que se debruçam sobre a questão têm cada vez mais levado em conta o que se pode extrair dos fragmentários textos de Filodemo, célebre filósofo epicurista, contemporâneo de Cícero, que se dedicou à prática da poesia e ao estudo das artes poética e retórica. O filósofo é aliás mencionado no fim do livro II (cf. 119). Entre os romanos, Lucrécio, como expositor da física de Epicuro e poeta, é um autor cuja obra carrega em si mesma essa tensão entre ortodoxia doutrinária e recurso às artes liberais.

⁴⁶ Metrodoro, natural de Lâmpsaco, conviveu em Atenas com Epicuro, de quem foi discípulo. Na história da escola epicurista, foi considerado, ao lado de Epicuro, Hermarco e Polieno, como uma das autoridades canônicas. Há poucos fragmentos preservados de seus escritos, os quais parecem ter se voltado bem especialmente para polêmicas com outras correntes de pensamento.

esta sobretudo alicia a multidão: pensam que ele disse que o que é reto e honroso⁴⁷ produz por si próprio a alegria, ou seja, o prazer.⁴⁸ Essa boa gente não compreende que todo o sistema cai por terra caso se tome a questão dessa forma. Pois, caso se concedesse que tais coisas são espontaneamente e por si agradáveis, ainda que em nada se refiram ao corpo, tanto a virtude quanto o conhecimento das coisas deveriam ser buscados por si mesmos, que é o que ele menos pretende⁴⁹. 26 Eis, então, o que não aprovo em Epicuro. Quanto ao mais, gostaria, sem dúvida, ou que ele próprio tivesse sido mais bem provido de instrução (pois ele, é forçoso que você reconheça, não se aperfeiçoou no conjunto de conhecimentos por cuja posse alguém é tido por bem formado⁵⁰), ou que não tivesse afastado os outros dos estudos. É bem verdade que você, ao menos, vejo não ter sido nem um pouco afastado.”

Referências

⁴⁷ O adjetivo *honestus*, que no texto ocorre no neutro plural, *honesta*, foi traduzido por *honroso*. Justificamos a escolha: o termo latino *honestum* parece evocar de modo óbvio a noção de *honor*, que é fundamental no tratamento dado por Cícero ao conceito, coisa que o português *honesto* não faz. Se observarmos o que diz o autor em *Fin.* II, 48, entenderemos que ele toma um termo que é usual na linguagem social romana, *honestum*, e o utiliza para designar o conceito central da ética estoica: *tò kalón*. Ao ser utilizado na tradução do *belo moral*, o termo latino tem seu sentido sensivelmente alterado. Não se perde de vista, porém, o sentido mais comum: *ut enim consuetudo loquitur, id solum dicitur honestum, quod est populari fama gloriosum*, isto é: *pois, de acordo com a expressão usual, apenas isto é chamado honroso: o que é repleto de glória graças ao renome popular* (*Fin.* II, 48). Já o conceito estoico indica uma ação que tem, na própria realização, honra e prestígio. Uma ação que traz em si mesma a recompensa para quem a realizou (cf. *Fin.* II, 45). Note-se então que, neste caso particular, o tratamento de um conceito grego, feito por meio da utilização de um termo já consagrado pelo uso latino, procedimento que o autor apresenta como especialmente recomendável na tradução (cf. *Fin.* III, 15), faz com que o conceito seja designado por uma palavra que traz em si justamente o elemento que, segundo a teoria, não está presente: o favor público. Quisemos manter esse dado peculiar do discurso ciceroniano.

⁴⁸ Essa passagem tem problemas. Algo não vai bem na argumentação, que é inclusive contradita mais adiante. Ao falar das virtudes em *Fin.* I, 42-54, Torquato não nega que elas produzem prazer. Discute, por outro lado, se elas devem ser buscadas por por si mesmas, ou apenas porque proporcionam prazer. Aqui, no entanto, a personagem Cícero nega que, segundo Epicuro, as coisas retas e honrosas possam produzir (*facere*) prazer. Podemos conjecturar que o autor cometeu um equívoco. Observe-se que Torquato, ao longo do diálogo, não aponta qualquer falha na abordagem do seu interlocutor. O autor pode ter desejado dizer que o honroso não seria prazeroso em si mesmo, mas o uso do verbo *facere* torna inequívoco o que ele de fato expressou, isto é, que na opinião da multidão o honroso produziria, por si mesmo, prazer; e, mais fundamental do que isso, que essa concepção estaria errada. Na verdade, isso não se choca com o que pensa Epicuro; neste caso, “substancialmente, a visão da *multitudo* concernente ao ensinamento de Epicuro é correta”: é o que pensa Reid (cf. Reid, 1925, p. 41), com quem concordamos.

⁴⁹ A conclusão aqui expressa está em harmonia com aquilo que se diz mais adiante, quando Torquato aborda as virtudes. Há contradição, no entanto, conforme dissemos na nota anterior, com o argumento utilizado por Cícero acima. Em *Fin.* I, 42, a sabedoria, por exemplo, é tida por *artifex conquirendae et comparandae uoluptatis*, *artífice em buscar com zelo e produzir o prazer*. É por isso que essa virtude, assim como as demais, é considerada *expetenda*, isto é, digna de ser buscada.

⁵⁰ No original ocorre o adjetivo *eruditus*. Observe-se que na seção 20 o termo qualificara Demócrito, bem versado, naquele contexto, em geometria. Vale recordar que a *eruditio* é a educação tradicional, baseada no conhecimento das artes liberais, que foi alvo das críticas de Epicuro.

ASMIS, E. Epicurean poetics. In: Obbink, D. (ed.). **Philodemus and poetry**. Poetic theory and practice in Lucretius, Philodemus and Horace. New York: Oxford University Press, 1995.

CÍCERO. **Academica**. Text revised and explained by J.S. Reid. Hildesheim: Georg Olms, 1984 (1885).

CÍCERO. **De finibus bonorum et malorum**. Libri I, II. Edited by J. S. Reid, Litt. D. London: Cambridge University Press, 1925.

CÍCERO. **De finibus bonorum et malorum**. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds. Oxford: Oxford University Press, 1998.

CÍCERO. **Epistulae ad Atticum**. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Stuttgart: Teubner, 1987. 2v.

CÍCERO. **De natura deorum / Academica**. With an English translation by H. Rackham. London: Harvard University Press, 1979 (*Loeb Classical Library*).

CICERO. **On moral ends**. Edited by Julia Annas. Translated by Raphael Woolf. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CICERO. **Opere politiche e filosofiche di M. Tullio Cicerone** (I termini estremi del bene e del male, Discussioni tuscolane, Le stato, Le leggi, I doveri). A cura di Nino Marinone. Turin: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1980.

CICERO. **Scripta quae manserunt omnia**. fasc. 43. De finibus bonorum et malorum. T. Schiche. Leipzig: Teubner, 1915.

CICERO. **Traité du destin**. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1973.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of eminent philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. London: Harvard University Press, 1991 (*Loeb Classical Library*).

LIMA, S. C. Reflexões sobre a tradução no *De finibus* de Cícero e a refutação do pensamento estoico. **Classica**. Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 27, n. 2, p. 79-94, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.24277/classica.v27i2.248>

LIMA, S. C. **Aspectos do gênero dialógico no *De finibus* de Cícero**. 2009. 652p. Tese (Doutorado em Linguística - Área de Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2009.445512>

LUCRETIUS. **De rerum natura**. With an English translation by W. H. D. Rouse. London: Harvard University Press, 1997.

SEXTUS EMPIRICUS. **Against the professors**. With an english translation by R. G. Bury. London: Harvard University Press, 2000.

TITO LÍVIO. **Histoire Romaine**. Tome VIII. Livre VIII. Texte établi et traduit par : Raymond Bloch; Texte établi et traduit par Ch. Guittard. Paris: Belles-Lettres, 1987.

USENER, H. **Epicurea**. Lipsia: Teubner, 1887.

VIRGÍLIO. **Opera**. Edited by R. A. B. Mynors. Oxford University Press, 1969.